



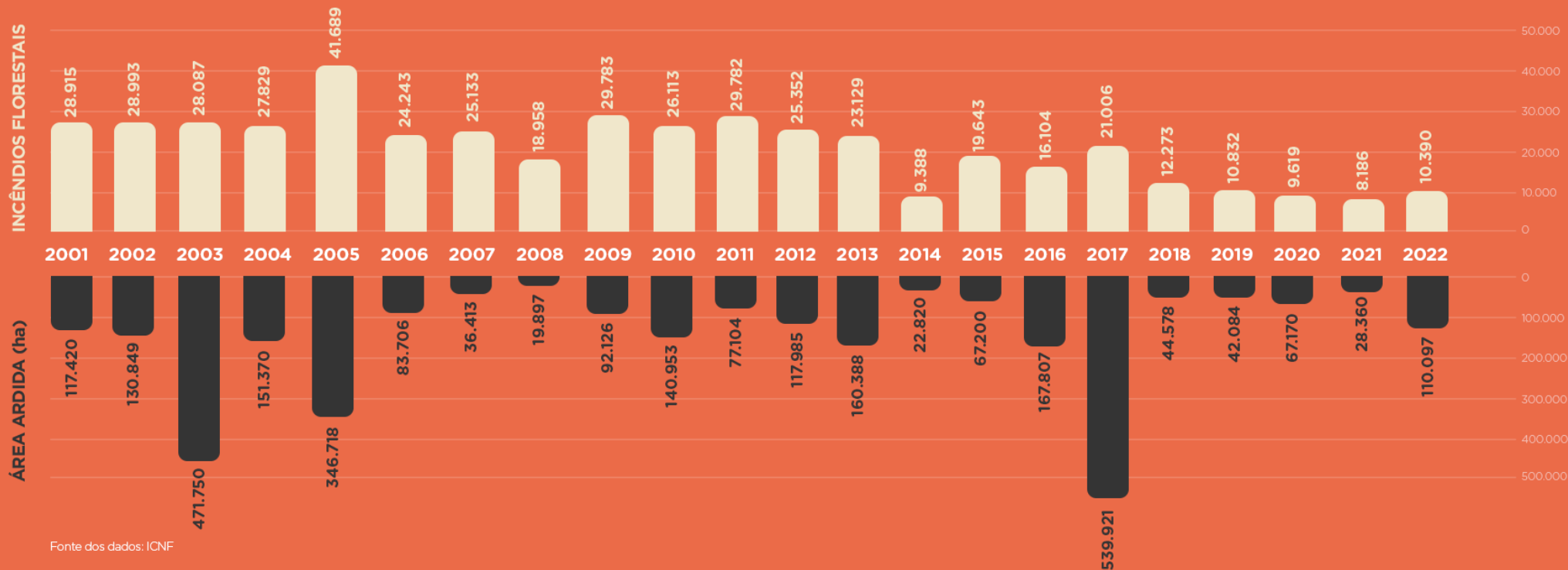
FACTSHEET: COMO INVERTER O CICLO DOS “MEGA-INCÊNDIOS” EM PORTUGAL?

DIAGNÓSTICO

A paisagem portuguesa mediterrânica evolui com a presença do fogo e a vegetação está adaptada ao facto de arder, tendo desenvolvido estratégias e mecanismos que permitem a sua regeneração após o fogo. Contudo, os ciclos de fogo foram alterados, quer pelo seu fraco entendimento como um elemento integrador da paisagem mediterrânica, quer como sendo prejudicial aos ecossistemas, bem como uma perturbação ao modelo de desenvolvimento em que as infraestruturas e os modos de vida contemporâneos se estenderam e dispersaram pelo território.

Mas a paisagem é dinâmica e em constante evolução. Os pequenos incêndios à escala local foram suprimidos e o facto de a vegetação se acumular e não ser gerida resulta numa paisagem mais homogénea e num aumento da carga combustível.

O número de incêndios em Portugal e na Europa mediterrânica tem vindo a diminuir, mas a área ardida não reflete este decréscimo. Isto significa que nos últimos 20 anos, apesar de haver menos ignições, ardeu mais área devido a grandes incêndios, de maior intensidade e magnitude, generalizando-se o uso do termo “mega-incêndio” para fogos cuja área ardida é superior a **10.000 hectares**.



Com base nos dados disponibilizados pelo ICNF sobre as causas dos incêndios em Portugal para o período entre 2012 e 2021, pela GNR, concluiu-se que a percentagem de incêndios causada por queimadas e queimadas é de **41%** e o incendiário por parte de indivíduos imputáveis **28%**.

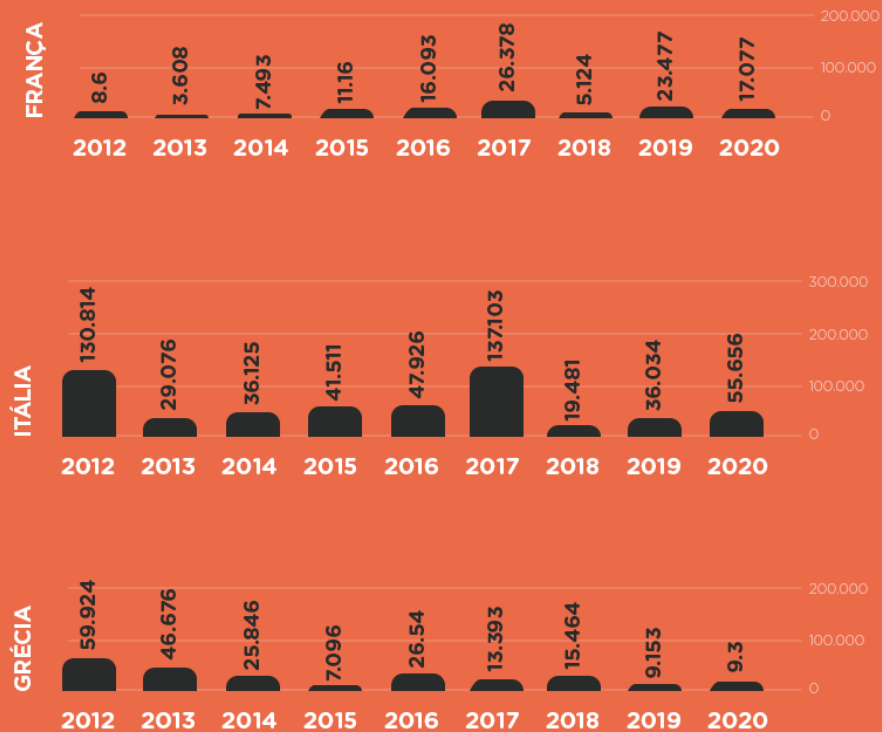
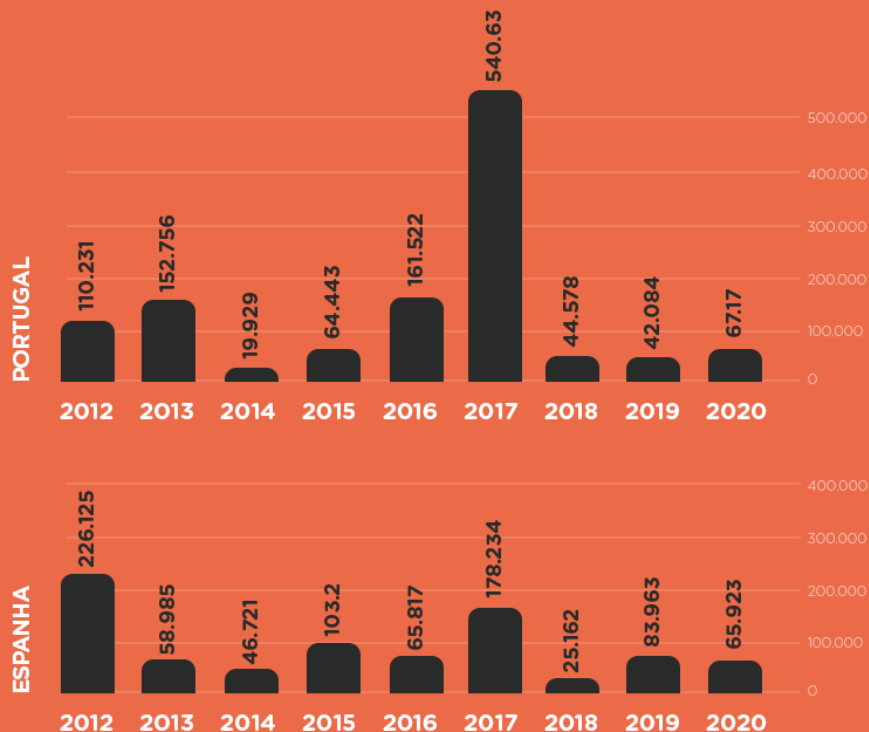
Apesar de provisórios, os dados de 2022 continuam a mostrar a predominância do uso negligente do fogo: **42%** no total das causas apuradas. Ou seja, apesar de ser uma componente natural da paisagem mediterrânica, o fogo é agora muitas vezes usado de forma descuidada em paisagens com acumulação de carga combustível.

Tipos de causa (%) / Ano	Média 2012-2021
Naturais (raios)	1
Acidentais	7
Uso do fogo (queimadas e queimadas)	41
Incendiário	28
Reacendimentos	14
Outras causas	8

Fonte dos dados: ICNF



Em comparação com outros países da Europa mediterrânica (Espanha, França, Itália e Grécia), Portugal tem vindo a liderar em termos de área ardida desde 2016, à exceção de 2019 em que arderam cerca de 84000 hectares em Espanha.



Os dados mais recentes posicionam Portugal como o **4.º país** que teve mais fogos e hectares de floresta ardida no ano de **2021**.

Países	Área ardida (ha)	Incêndios Florestais
Itália	151.964	5.989
Grécia	108.418	1.250
Espanha	87.880	8.780
Portugal	28.360	8.186
França	15.114	4.739

Fonte dos dados: EUROSTAT / PORDATA

INCÊNDIOS FLORESTAIS NO CONTEXTO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

O QUE AUMENTA O RISCO E PERIGOSIDADE DO INCÊNDIO?

Despovoamento das zonas rurais;
Conversão do uso do solo agrícola;
Intensificação da produção florestal;
Abandono da gestão florestal, levando
à acumulação da vegetação e aumento
da carga de combustível.

+

Aumento de eventos meteorológicos extremos,
nomeadamente períodos mais prolongados de tempo
quente e seco associados a vento;

Desconhecimento do risco pela população, uma vez que a maioria
dos incêndios - ignições - tem origem em causas humanas.

=

Aumento dos incêndios na sua magnitude e área ardida.

O QUE ACONTECE APÓS UM FOGO?

1 As árvores ficam debilitadas e a floresta mais suscetível a agentes patogénicos de pragas e doenças;

2 A resiliência dos habitats naturais diminui, sendo que as espécies exóticas invasoras colonizam mais rapidamente as áreas ardidas devido à sua capacidade de regeneração por semente e à sua rápida disseminação;



3 As espécies de fauna e flora vulneráveis são afetadas e perdem habitat por destruição direta e/ou por redução da qualidade do mesmo;

4 O coberto vegetal é destruído, contribuindo para a erosão e perda de fertilidade do solo;

5 O arrastamento de nutrientes e cinzas tem impacto negativo na qualidade da água.

Ou seja, perdemos áreas de alto valor ecológico e cultural, prioritárias para a conservação da natureza, mas também aumentamos o risco de perda de bens e vidas humanas.

É necessária uma mudança de paradigma na gestão de incêndios florestais na Europa mediterrânica.

COMO INVERTER ESTE CICLO?

Através de mecanismos para a promoção da resiliência, sustentabilidade e coesão do território.

1 Adaptação da floresta às alterações climáticas através do planeamento e gestão, aproveitando a regeneração natural das espécies autóctones a manter;

2 Reconversão de territórios florestais para sistemas agroflorestais, com usos agro-silvo-pastoris, criando um mosaico de habitats;

3 Emparcelamento e ordenamento dos territórios rurais, para aumentar a rentabilidade e potenciar as atividades económicas de pequenas propriedades;

4 Cooperação entre proprietários agroflorestais, para atingir economias de escala na gestão e exploração comum em zonas de minifúndio;

5 Certificação da Gestão Florestal Sustentável como mecanismo de valorização dos espaços florestais;

6 Incentivos para o pagamento por serviços de ecossistema no contexto das explorações agroflorestais, recorrendo a fundos públicos ou privados;

7 Transferência e aplicação do conhecimento existente de medidas de apoio à prevenção de incêndios florestais;

8 Consciencialização das populações rurais para a importância de medidas preventivas na gestão de combustível, bem como na prevenção de comportamentos de risco e medidas de autoproteção;

9 Valorização do pastoreio extensivo como atividade pecuária fundamental na manutenção de áreas abertas e redução do perigo de incêndio;

10 Valorização da agricultura familiar e de subsistência, importante para garantir a segurança alimentar e dinamismo económico das áreas rurais.